

MAIS QUE UM DIA...

por Fernando Silva Teixeira Filho

O documentário *Basta um dia* (2005) dirigido por Vagner de Almeida teria tudo para ser um filme que se aproveita das desgraças alheias para obter audiência e popularidade, mas o que vemos é algo bem diferente: a começar pela música de fundo que dá título à película¹ e que solicita dos espectadores “um dia, um dia para aplacar minha agonia, toda a sangria, todo o veneno de um pequeno dia”. Poderia ser também mais um dentre vários outros documentários que têm um tom de protesto, de repúdio, de denúncia quase policialesca. Mas também não é assim que se passa. A trágica história das travestis que trabalham na Rodovia Presidente Dutra ao redor da Baixada Fluminense e que, sem motivo aparente, são assassinadas em chacinas e/ou individualmente é uma coisa banal. Todos já sabem e, ainda que se objete dizendo que muitos ainda não sabem o que, de fato, irão fazer quando souberem? Em quê conhecer a situação de miserabilidade dessa população GLTTB que ali trabalha irá combater ou até mesmo sanar os crimes que ali ocorrem? Um pouco como na época do nazismo aonde, por certo, muitos alemães não sabiam da morte de milhares de judeus e, ainda que soubessem, o que fariam para impedir o extermínio? Na verdade, nada podemos fazer para mudar uma situação quando não sabemos como ela funciona, ou melhor, quando não construímos um saber sobre ela.

Assim, tendo como pano de fundo as chacinas e mortes de gays, travestis, transexuais e lésbicas, profissionais do sexo ou não, o documentário filma a violência dirigida a essa população, o que lhe configura a propriedade de violência homofóbica. Começando com uma narrativa fúnebre, deprimida e exausta, muito bem demonstrada no andar arrastado de um casal (um gay e uma travesti) que se dirige a um cemitério para depositar flores no tumulo de uma travesti cujo corpo havia sido liberado do IML após 5 meses de insistente indignação por parte de militantes, o filme vai prendendo o espectador em um frenético e cadenciado suspense seguido de horror. Nunca vemos os assassinos, os detratores, e tampouco o sangue e/ou os corpos das vítimas. Como nos clássicos filmes do mestre Alfred J. Hitchcock (1899-1980), um suspense vai invadindo-nos cena a cena e o diretor vai servindo elementos explicativos para a compreensão de tantos assassinatos a atacado sendo que as travestis, no varejo, nada sabem sobre as razões de tanto ódio a elas dirigido. Junto com as protagonistas vitimadas pela homofobia, sabemos que em algum momento uma delas será morta, passamos a conhecer o perfil dos coadjuvantes desses assassinatos, mas não conseguimos impedi-los, não conseguimos vê-los. Vamos percebendo que a agressividade, inerente à condição do aprendizado civilizatório irá, a qualquer momento, eleger uma dentre aquelas travestis que ali trabalham para servirem de “corpo-suporte” a um espetacular espectro indescritível de sadismo e intolerância. Para se ter uma idéia do quão animalesco a barbárie humana pode chegar, o grau de perversidade sofrido pelas travestis vai desde um “leve” constrangimento moral e/ou psicológico, a um sexo forçado e sem camisinha, passando por um estupro e, não contente, um espancamento ou um atropelamento (há relatos de carros que passam várias vezes por cima dos corpos das travestis após as terem atropelados) até, claro, a chacina.

Em alguns casos o telespectador chega a pensar que os assassinos não querem necessariamente atingir a população GLTTB e que não se trata apenas de uma “limpeza moral” da sociedade. Outrossim, esses assassinos seriam uma minoria perturbada em seu caráter, com alguma espécie de degenerescência mental como no caso ocorrido nos Estados Unidos em 2005 onde Ronnie Paris Jr, 21 anos, suspeitando de que seu filho de 3 anos fosse gay, começou a lutar boxe com ele para lhe ensinar a não ser gay e, em uma dessas “lutinhas” desferiu-lhe golpes na cabeça e no rosto até levá-lo ao estado de 15 dias de coma seguido de falecimento. Por mais psicótica que essa história seja, aprendemos com ela algumas lições: todo delírio é coletivo, ou seja, é uma produção coletiva e jamais individual. Isso porque, nesse caso, nunca ouviremos uma história aonde um pai irá matar seu filho por suspeitar de sua heterossexualidade; não se bate em uma criança para puni-la por sua heterossexualidade. Além disso, a “corda sempre arrebenta do lado mais fraco”, ou seja, as crianças são ainda vistas como “objetos”, como coisas, como brinquedos nas mãos de seus pais. E é na

¹ A música a que o documentário faz referência é de Chico Buarque para a peça *Gota d'água*, de 1975, que Chico fez em parceria com Paulo Fontes.

posição de objeto que a população GLTTB se encontra no imaginário social. Tal qual uma criança, a população GLTTB, seguida das mulheres profissionais do sexo, é uma das mais vulneráveis à violência social no terreno da sexualidade. Nem no racismo encontraremos desamparo maior, pois um casal de negros não coloca para fora de casa seu filho porque ele é negro. Mas um garoto ou garota homossexual, travesti ou transexual nem sempre tem a mesma sorte. Séculos de preconceito e discriminação visando o reforço do fundamentalismo heterossexual e da divisão binária da sociedade em homem e mulher legitimam a destruição da homossexualidade e das pessoas GLTTB.

Devemos nos perguntar por que a infância, que é uma invenção mais recente do que a homossexualidade, já possui há mais de 15 anos — pelo menos no Brasil — um Estatuto que lhe garante direitos, e por seu turno às pessoas homossexuais são negadas cerca de 30 direitos que lhes colocariam em pé de igualdade frente às pessoas heterossexuais? Ou seja, tirariam-nas do estatuto de objeto do desejo do Outro para lhes colocarem na posição de sujeito de direitos, de cidadãos, de construtores de saberes sobre sua narrativa de vida. Não é sem razão e sem lógica que muitas das travestis entrevistadas no documentário não consigam sequer produzir uma frase em português que não contenha erros banais de gramática. O português delas não é o português padrão, o formal, aquele que se aprende na escola, pois elas não conseguem chegar às escolas. Esse direito lhes é negado, pois que elas são expulsas da escola já que causam “constrangimento” com sua identidade sexual. O desejo à diferença escancarado pelas travestis quando ainda são púberes e/ou adolescentes constrange, incomoda e causa desassossego no campo homogêneo da escola, que com sua disciplina militarizada e higienizada, mantém professores e professoras que se importam mais com a transmissão de conteúdos e preparação dos alunos para o “mercado de trabalho” do que para a produção de saber que realmente importam. Que política educacional é essa que mobiliza a sociedade para a inclusão de pessoas negras e/ou com necessidades “especiais”, mas nada faz para a educação das travestis e das transexuais? Não estou aqui fazendo uma apologia a uma população em específico. Ao contrário, estou tentando compreender aquilo que vi no documentário: as políticas públicas para a educação, para a segurança, para a saúde física e mental, para a preparação para o mercado de trabalho, para o amor são preconceituosas. Elas privilegiam e priorizam apenas um tipo de sexualidade, de identidade sexual e de gênero: a heterossexual. Se há algum outro termo de comparação entre a criança e a pessoa GLTTB, ele reside justamente no campo da sexualidade: para ambas a sexualidade é negada, mas, em alguns casos, a sexualidade GLTTB chega, infelizmente, a ser exterminada.

Haverá um dia em que a orientação, identidade sexual e de gênero das pessoas não serão mais matérias de jornal e/ou documentários. É preciso acreditar nesse possível para que a vida possa ser mais palatável. Mas até que esse dia chegue, muitos e muitas GLTTB irão morrer. Alguns casos serão investigados, outros muitos não. E isso deverá mudar quando as macro e micro políticas de produção dos corpos sexuados em homem e mulher pautados na hegemonia heterossexual deixar de existir. O percurso é muito longo, pois essas políticas já são matérias-primas do capital: quem é capaz de decorar o quarto do filho recém-nascido de rosa? Quem na festa de aniversário do varão primogênito incentiva um beijinho na boca de um amiguinho para ser fotografado pelos convivas? O prazer sexual entre pessoas do mesmo sexo biológico sempre foi matéria de exclusão em diversas sociedades e tempos históricos. Até hoje, em alguns países quem for pego em prática homossexual é condenado à morte. No Brasil, entretanto, a prática homossexual não é crime, mas como mostra o filme, independentemente de ela acontecer nas classes A, B ou C uma “justiça de extermínio” corroborada pelo fundamentalismo heterossexual (a oficiosa) é realizada. A diferença é que nas classes mais abastadas os casos de crime de ódio sempre são solucionados pela “justiça heterossexista” (a oficial), e o inverso não é verdadeiro. Como diria o poeta, o que está falando mais alto nesses casos é “a força da grana que ergue e destrói coisas belas”.

O documentário *Basta um dia* não falará, portanto, de apenas uma chacina contra GLTTB pobres e excluídas, contra travestis, figuras invisíveis à luz do dia que se fazem “iluminadas” pelos faróis dos carros nas rodovias, na fragilidade de seus sapatos plataformas. Ele falará de um Brasil desigual, ainda marcado por políticas escravocratas, que herdou o pior da colonização européia: a discriminação que pune com morte o

amor entre iguais, que os silencia, que os torna invisíveis, que lhes tolhe a esperança, que lhes impede de construir um futuro que contenha, no mínimo, mais que um dia...